|  |  |
| --- | --- |
| TERÇA, 22 DE ABRIL  FÉ OBTUSA  *“Não lhe bastam as consolações divinas, e as nossas palavras amáveis?” (Jó 15.11)*  Esta pergunta é feita por Elifaz, que voltou a falar, perdendo uma excelente oportunidade de ficar calado – as vezes acontece conosco também. A partir de sua perspectiva de um mundo controlado, governado estritamente pela lei da semeadura e colheita, ele já havia diagnosticado toda a situação. Jó era culpado de algum pecado e precisa confessar. Feito isso, Deus se acalmaria e em lugar de ferir, como estava fazendo, o abençoaria. Se na geometria, um ângulo é obtuso porque é mais aberto que 90o, a obtusidade de uma pessoa está em sua visão estrita, fechada, irrealista. As vezes a religiosidade promove em nós um tipo de obtusidade para a vida. Simplesmente vemos a vida de uma maneira singularmente equivocada, mas que nos parece perfeitamente correta (e sagrada). Afinal, estamos colocando Deus no centro! É o que pensamos.  Mas, o que está no centro são as “leis espirituais irrefutáveis” sobre as quais há muito paramos de refletir. O que está no centro é uma certa visão da vida, de Deus e do outro, que recebemos em algum momento e se apoderou de nós, ao ponto de ignorarmos suas contradições. Em nome delas, achamos que honramos a Deus embora desconsideremos pessoas, que Cristo nos ensinou que valerem mais que o mundo inteiro. É uma obtusidade que não nos deixa perceber o lugar da vida em nossa fé, pois é uma fé que se desloca da vida, em lugar de enfrenta-la e ser aperfeiçoado. Elifaz não consegue imaginar um Deus que não se deixa “acionar” pela fé. Mas Jó está dizendo: “isso não é assim! Não é um pecado meu que justifica tudo isso e eu não sei o que é. O que sei é que tenho clamado por Deus, mas Ele está calado e isso está me matando!”  O deus de Elifaz é manipulável e segue regras que garantem benefícios e alimentam certezas. O Deus com quem Jó está lidando é livre e toma decisões que desagradam. Jó quer saber o que Ele tem em mente, mas Deus não quer dizer nada. Elifaz, mais preocupado em dizer coisas certas, em ter respostas, ignora a alma de Jó. É incapaz de colocar-se ao lado do amigo e acaba colocando-se contra. Elifaz abstrai-se da vida e pensa que isso é agir pela fé. É essa mesma lógica que o faz pensar que está sendo amável, quando não está. Jó está lidando com a vida, exatamente como ela é e não como gostaria que fosse. Há momentos em que crer não é abstrair-se, mas apropriar-se! O caminho de Jó não é confortável como as certezas de Elifaz, mas é o caminho de quem vive com fé e não de quem foge da vida, pela fé.  *ucs* | TUESDAY, APRIL 22  OBTUSE FAITH  *“Are God's consolations not enough for you, words spoken gently to you?” (Job 15.11)*  Eliphat is the one to pose this question, thus missing an excellent opportunity to have remained quiet – and the same happens to us sometimes. From his perspective of a controlled world, one guided strictly by the laws of sowing and reaping, he had already diagnosed the entire situation. Job was guilty of some sin and needed to confess. After that God would calm down and instead of hurting him like He was doing, He would bless him. In geometry an angle is obtuse when it is larger than 90 degrees, and a person who has strict vision, is closed in and unrealistic we call this person obtuse, as well. Sometimes religiousness promotes in us a type of obtuse life. We simply see life in a mistaken way but it seems perfectly right to us (even godly). After all we are placing the emphasis in God. That’s how we think.  But what is important are “irrefutable spiritual laws” and we have stopped reflecting upon those. In the center stage there is a certain vision of life, God and the other that somehow we received and took it for granted to the point that we ignore all the contradictions. In its name we think we are honoring God even though we disrespect people, whom Christ has told us that are more valuable than the entire world. We are so blind that we do not see the place of life in our faith, because it’s a faith far from life instead of facing it and being improved. Eliphat cannot imagine that God will not be turned on by faith. But Job is saying: “it’s not like that! It’s not a sin of mine that would justify all this, but I don’t know what it is. What I know is I have begged God, but He is quiet and it’s killing me!”  Eliphat’s god is manipulated and follows rules that guarantee benefits and feeds in the right. The God whom Job is dealing with is free and He makes decisions that are displeasing. Job wants to know what He has in mind, but God doesn’t want to say anything. Eliphat is more concerned in saying the right things and in having the answers so he ignores Job’s soul. He is unable to be on his friend’s side and in fact he goes against him. Eliphat withdraws from life and he thinks this is acting by faith. This same logic makes him think he is being loving when he is not. Job is dealing with life just as it is and not how he would like it to be. There are times that trusting is not about withdrawing, but appropriating! Job’s path is not comfortable like Eliphat’s certainties but it is the way of one who lives by faith and who does not run from life, by faith.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| QUARTA, 23 DE ABRIL  PRESUNÇÃO  *“Que é que você sabe, que nós não sabemos? Que compreensão têm você, que nós não temos? Temos do nosso lado homens de cabelos brancos, muito mais velhos que o seu pai.” (Jó 15.9-10)*  Vê como é simplista a avaliação de Elifaz? Parece que, para ele, tudo é uma questão de conceito, de informação, de seguir o manual. Alguns cristãos chamam a Bíblia de “Manual do Fabricante”. Imagino que pensam estar realçando seu valor. Mas a mim parece o contrário. A Bíblia não é um manual, porque não somos máquinas e a vida não é uma novela com enredo definido. A Bíblia é um testemunho de como homens e Deus se relacionaram na vida, com seus dramas, equívocos e riscos. Ela nos convida a nos relacionar com Deus, a “fazer a viver a vida em Sua presença”, a experimentar a vida seguindo as intenções do nosso Criador. A fé cristã não é funcional, é relacional.  O que Jó sabia e seus amigos não? Jó sabia o que era a dor de perder filhos e bens, saúde e dignidade, tudo ao mesmo tempo. Jó sabia o que era orar insistentemente e nada acontecer. Sabia o que era viver com vontade de morrer. Mas, do meio de todo esse caos e dor, ele sabia pertencer a Deus e estar em Suas mãos. Não havia bênçãos, nada estava dando certo, ele está em conflito com Deus, mas não descrê, não cogita que Deus talvez não exista. Ao contrário, ele acusa Deus de injusto exatamente porque não consegue olhar para nada do que lhe acontece sem conceber o envolvimento de Deus. Seus amigos nada sabiam sobre isso. Nesse sentido, talvez tenhamos muito em comum com eles.  Podemos aprender um pouco com Jó e também com seus amigos. Ele está preso a Deus pela fé como um alpinista ao usar uma corda de segurança. Ele escala paredões íngremes, perturbadores, perigosos. Ele escorrega, mas está “pendurado em Deus”, que não lhe solta. Quantos de nós já sabem o que é crer assim? Com seus amigos precisamos aprender a ser menos presunçosos. Nosso possível conhecimento de Deus, que tantas vezes é apenas conhecimento do texto bíblico, não deve nos levar a crer que já sabemos tudo sobre a vida e sobre as pessoas. Não nos habilita a ser juízes. É muito simples julgar algo como certo ou errado, mas é preciso mais, que só é possível saber se enxergarmos as pessoas. A fé em Deus não é um atalho para a vida. É a corda de segurança que nos permite entrar e sair dos lugares difíceis da vida e, algumas vezes, ser resgatadores de alguns que estão presos lá. Para Elifaz, isso pareceria pouco cristão. Não é estranho que muitas vezes nos pareça também.  *ucs* | WEDNESDAY, APRIL 23  PRESUMPTION  *“What do you know that we do not know? What insights do you have that we do not have? The gray-haired and the aged are on our side, men even older than your father.” (Job 15.9-10)*  You see how simplistic Eliphat’s evaluation of the situation is? It seems that for him everything is a matter of concept, of information, of following the manual. Some Christians call the Bible “The Manufacturer’s Manual”. I imagine they think they are increasing its value. But to me it seems to be the opposite. The Bible is not a manual because we are not machines and life is not a soap opera with a definitive plot. The Bible is a testimony of how mankind and God relate to life, its dramas, mistakes and risks. It invites us to relate to God and to “live life in His presence” to experiment life according to the intentions of our Creator. Christian faith is not functional, it is relational.  What did Job know that his friends did not? Job knew the pain of losing children and assets, health and dignity. All at the same time. Job knew what it was like to pray fervently and to see nothing happen. He knew how to live with the desire of dying. But amidst all this chaos and sorrow, he knew how to belong to God and to be in His hands. There were no blessings, nothing was working out right, he is in conflict with God, but there is no disbelief, he doesn’t conceive that God does not exist. Quite the contrary, he accuses God of injustice and it is exactly because he cannot see what is happening to him and not fathom that God’s involved in it. His friends didn’t know about this. And in this sense, we may have a lot in common with them.  We need to learn some with Job and his friends. He is connected to God by faith, like a mountain climber uses a safety rope. He escalates steep, disturbing, dangerous walls. He slips but he is “hanging in God” who does not let go of him. How many of us already believe like this? And with his friends we must learn how to be less presumptuous. Our possible knowledge of God so many times is only knowledge of Bible texts and it should not lead us to believe that we already know everything about life and people. It does not skill us to be judges. It’s very simple to judge something as right or wrong, but we need to go further and that’s only possible when we see people. Faith in God is not a shortcut to life. It is the safety rope that allows us into and out of difficult places in life and sometimes it allows us to rescue those who are caught there. That would not seem very Christian for Eliphat. And it is not strange that sometimes it doesn’t seem so to us, either.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| QUINTA, 24 DE ABRIL  SOB A PROVA DA DOR  *“Foram-se os meus dias, os meus planos fracassaram, como também os desejos do meu coração.” (Jó 17.11)*  Estamos de volta ao coração de Jó. Seu lamento torna-se cada vez mais denso, mais intenso. Quanto tempo já passou? Não há como saber ao certo, mas parece-me não ter sido apenas alguns dias. Pelo menos semanas ou meses. Alguns afirmam ter sido mais de ano lidando com a dor. Sua alma caminha na noite escura. Para nós, parte de uma sociedade avessa a dor, em que pecado é não ser feliz e não tirar o melhor da vida – seja lá o que “melhor” possa significar – o sofrimento é visto como uma doença. Embora alguns possam ser, achamos que todos são. Não há lugar para ele. Nem mesmo dentro da igreja.  Pessoas esquecidas de Deus estão fazendo de tudo para ser felizes. Pessoas de Deus ou, com alguns denominam, o povo de Deus, também. A vida precisa dar certo, tudo tem que funcionar, a igreja tem que crescer, “minha casa será uma casa de benção”... e não resta muito lugar para o fracasso. Desse jeito, cada vez menos conseguimos lidar de forma realista com nossos problemas. Não sabemos sofrer e nem perder. Isso nos desabona espiritualmente. A intensa provação é como fogo testando a devoção de Jó e a teologia de seus amigos. O que ela poderia fazer por nossa devoção e teologia?  Quantos de nós teriam a têmpera de Jó para continuar com Deus, tendo Deus contra si? Veríamos sentido em nossa fé se ela não funcionasse como esperamos? E se a não houver cura e a morte chegar? Estamos diante de uma história em que o herói da fé está sozinho, sangrando, incompreendido e confuso. Ele está mais para “calda” do que para “cabeça”, se é que me entende. O que será que Deus está vendo em seu coração? Satanás aposta que Jó amaldiçoará Deus. É uma questão de tempo. Mas Jó, embora desgostoso da vida, ainda olha com respeito para Deus. Fico pensando: seríamos capazes de agir como ele?  ucs | THURSDAY, APRIL 24  UNDER THE PROOF OF PAIN  *“My days have passed, my plans are shattered. Yet the desires of my heart.” (Job 17.11)*  We are back to Job’s heart. His wailings become denser, more intense. How long has it been? We cannot know for sure but it seems to me longer than just a few days. At least a few weeks or months. Some think it may have been longer than a year dealing with this pain. His soul is treading the dark night. For us as part of a society opposed to pain, where sin is the same as not being happy and take the best out of life – whatever “best” might mean – suffering is regarded like a disease. Although some may be right, we think everyone is. There is no place for it. Not even inside the church.  People who have forgotten about God are doing everything they can to be happy. The people of God are also. Life has to go right, everything has to work out, the church has to grow, “my house will be a house of blessings”… and there is not a lot of room for failure. Therefore we cannot realistically deal with our problems. We don’t know how to suffer or how to lose. This demerits us spiritually. The intense trial is like fire testing Job’s devotion and his friends’ theology. What would it do to our devotion and theology?  How many of us would have guts like Job to continue with God if God was against us? Would we see any sense in our faith if it did not work as expected? What if there is no healing and death comes? We are facing a story that has the hero of faith all alone, bleeding, misunderstood and confused. He is more of a tail than a head, if you know what I mean. What is it that God sees in his heart? Satan bets Job will curse God. It’s just a matter of time. But Job, although upset with life, still looks to God with respect. I’m thinking: would we be able to do like he did?  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| SEXTA, 25 DE ABRIL  QUE DEVOÇÃO É ESSA!  *“Ele bloqueou o meu caminho, e não consigo passar; cobriu de trevas as minhas veredas. Despiu-me da minha honra e tirou a coroa de minha cabeça.” (Jó 19.8-9)*  É sobre Deus que Jó está falando. E ele está correto. Foi realmente Deus quem decidiu e permitiu toda sua dor. Ele não consegue entender a razão disso. E quem entenderia? Seus amigos defenderam seus pontos de vista e com isso apenas afastaram-se da verdade. E insistiram ao ponto de se tornarem cruéis. A Bíblia é repleta de ensinos para nossa edificação espiritual, mas podemos tomar caminhos como os escolhidos pelos amigos de Jó e nos afastar da verdade. Pensando que estamos sendo fiéis, podemos nos revelar cruéis e nem notar a incompatibilidade. Podemos nos perder do coração de Deus e, fatalmente, do coração das pessoas, como se não importasse.  Este livro inquietante tem um tema e um objetivo. Seu tema é a devoção humana a Deus. Para satanás ela é puro interesse pois o ser humano é incapaz de amar um ser tão poderoso, bom e sábio, mas cujas escolhas, decisões, são incompreensíveis. Mas Deus, nosso Criador, pensa diferente. Ele acredita na devoção amorosa do homem, pois o criou capaz para isso, ainda que incapaz para compreendê-lo. E é em Jó que tudo está sendo verificado. Ele vive o devoto que cada um de nós deveria ser. O assunto do livro não é Deus e Seus critérios, mas nós e nossa espiritualidade, devoção e religiosidade. Jó é o bom exemplo e seus amigos, os maus. Mas seus diálogos nos deixam confusos sobre isso. Afinal, o que Jó diz parece errado e o que eles dizem parece certo. Deus porém está vendo além. Quem somos nós nessa trama? Talvez os dois. Seres oscilando entre amor e interesses, espiritualidade compassiva e crueldade religiosa.  Este livro chega a ser humilhante. Jó é bom demais! É humano demais! O Deus que o ameaça e fere, o cerca e deixa sem saída, recebe suas reclamações, mas não deixa de receber seu respeito e devoção. Chegamos ao ponto em que não há mais saída para Jó. Apenas a morte e isso, quando Deus quiser. É como ele se sente, mas não desiste de Deus. Que conquista foi essa que Deus fez em Jó que o atou a Ele de forma tão definitiva? Como Jó se entregou assim, tão irrevogavelmente? Que pertencimento é esse, assim tão inquebrável? Dá-nos, ó Deus, a benção de sermos Teus dessa forma. E que isso seja possível sem precisarmos ver tanta escuridão, pois é difícil acreditar que poderíamos nos sair tão bem quanto Jó.  *ucs* | FRIDAY, APRIL 25  WHAT DEVOTION!  *“He has blocked my way so I cannot pass; he has shrouded my paths in darkness. He has stripped me of my honor and removed the crown from my head.” (Job 19.8-9)*  It’s God that Job is talking about. And he is right. It really was God who decided and allowed all of his sorrows. He cannot understand the reasoning for it. And who would? His friends defended their viewpoints and they only got further away from the truth. They insisted to the point of becoming cruel. The Bible is full of teachings for our spiritual edification but we may take on paths like the ones chosen by Job’s friends and get far from the truth. Thinking we are being faithful, we can become cruel and maybe not even notice the incompatibility. We may get lost from God’s heart and fatally from people’s hearts, as if it didn’t matter.  This disturbing book has a plot and a goal. The plot is human devotion to God. For satan it is purely self-interest because the human being is unable to love such an all-powerful, good and wise being whose choices and decisions are incomprehensible. However, God, our Creator, thinks differently. He believes in mankind’s loving devotion, because He created them for such, even when they are unable to understand Him. And it is in Job that everything is being put to the test. He is the devoted one that each one of us should be. The book’s issue is not God and His criteria, but us and our spirituality, devotion and religiousness. Job is the good example and his friends, the bad ones. His dialogues make us confused, though. After all, it seems that whatever Job says is wrong and what they say seems right. But God sees beyond. Who are we in this plot? Maybe both. Beings that oscillate between love and interests, compassionate spirituality and cruel religiousness.  This book is almost humiliating. Job is way too good! He’s way too human! God threatens him and hurts him, corners him and leaves him with no way out, receives his complaints but also his respect and devotion. We get to a point where there is no way out for Job. There’s only death, if God so wishes. That’s how he feels but he doesn’t give up on God. What God’s conquer was this that left Job so tied up to Him in such a strong way? How did Job give himself so undeniably? What belonging is this that cannot be broken? Give us, oh God, the blessing to be Yours this same way. And may this be possible without having to go through so much darkness, because it’s hard to believe that we would do as well as Job did.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| SÁBADO, 26 DE ABRIL  VISÃO DA VIDA  *“Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus. Eu o verei, com os meus próprios olhos; eu mesmo, e não outro! Como anseia no meu peito o coração!” (Jó 19.25-27)*  Uma visão da vida só é completa se inclui a morte. Sem ela, a visão da vida é, além de incompleta, ilusória. Afinal, vamos todos morrer, muito provavelmente. Vamos todos morrer: sãos e doentes, felizes e infelizes, ricos e pobres, cristão, mulçumanos, ateus e gente que não quer nem pensar em religião. Mas, incluir a morte na visão da vida nos coloca diante da decisão de crer em algo a respeito do que se segue a ela. E então, por causa disso, por causa da morte, acabamos vivendo a vida de uma certa maneira, e não de outra.  Nosso amigo Jó está no fundo do posso, sem mais nada na vida, apenas esperando a morte. Ele chega a ansiar por ela. Tudo é muito assustador, mas em sua visão da vida a morte tinha lugar. E por causa disso ele está vivendo e enfrentando sua dor de maneira tão humana e com Deus. Ele crê que sua vida acabará onde começou: em Deus. E o Deus em que acredita é seu Redentor, aquele que o redime, que paga os custos de suas dívidas e o liberta – este é o significado da palavra “redentor”. Ele tem certeza disso.  Jó não tinha respostas para tantas coisas! Sua vida estava cheia de espaços vazios, cheia de coisas desconexas, coisas que não se encaixam. Há perguntas demais e nenhuma resposta. Há dor demais e nenhum alívio. Seus amigos falam muito, mas em nada os ajudam. Todavia ele está seguro ao pensar na morte – verei meu Redentor. Quando pensa na última palavra de sua vida, está certo que será dita por Deus. Não serão suas dores que determinarão seu fim, ele pertence a Deus. Depois de perder tudo, Jó ainda está seguro, mesmo em meio à sua angústia. A razão é Deus. A visão que temos da vida é assim completa? Sem Deus, jamais será.  *ucs* | SATURDAY, APRIL 26  VISION OF LIFE  *“I know that my redeemer lives, and that in the end he will stand on the earth. And after my skin has been destroyed, yet in my flesh I will see God; I myself will see him with my own eyes —I, and not another. How my heart yearns within me!”*  *(Job 19.25-27)*  A true look at life has to include death. Without it the vision of life is incomplete and an illusion. After all, we all will very probably die. We will all die: healthy and sick ones, the happy and unhappy, rich and poor, Christians, Muslims, Atheists and people who don’t even want to think about religion. But to include death when looking at life places us before a decision to believe in something after it. And then, because of death, we end up living life in a certain way, and not another.  Our friend Job is in the bottom of the well, without anything left in life and only awaiting for death to come. He even longs for it. Things are very scary, but in his vision of life, death has its place. And because of that he is living and facing his sorrows in such a human way and with God. He believes his life will end where it started: in God. And the God he trusts is his Redeemer, the one who pays for his debts and delivers him – that’s the meaning of the word “Redeemer”. He knows that for sure.  Job did not have answers for so many things! His life was filled with empty spaces, filled with disconnected things, things that did not match. There are too many questions and no answers. There is too much pain and no relief. His friends talk too much and they do not help. However he is sure when he thinks of death – I will see my Redeemer. When he thinks of the last word of his life he is sure it will be spoken by God. It won’t be his sorrows to determine his end, he belongs to God. After losing everything, Job is still secure, even amidst his anguish. The reason is God. Do we look at life in such a complete way? Without God it never will be.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| DOMINGO, 27 DE ABRIL  DOIS TIPOS DE FÉ  *“Certamente você sabe que sempre foi assim, desde a antiguidade; desde que o homem foi posto na terra, o riso dos maus é passageiro, e a alegria dos ímpios dura apenas um instante.” (Jó 20.4-5)*  Zofar está voltando ao tema com Jó, reafirmando a ideia de que os ímpios sofrem e os justos desfrutam; logo, se Jó está sofrendo, algo de errado deve ter feito e precisa confessar e buscar perdão para que tudo fique bem. Ele afirma que tem sido assim, desde a antiguidade, acredita que há uma lei operando para compensar os justos e punir os ímpios. É essa visão da vida que se harmoniza com suas ideias sobre Deus. Para ele é inconcebível que seja de outra forma. Para Jó já ficou mais que claro que é de outra forma. Ele faz coro com outros testemunhos das Escrituras que afirmam que essa vida é injusta e sem garantias, mesmo para justos e pessoas que confiam em Deus.  Jó assinaria a confissão do salmista: “tive inveja dos arrogantes quando vi a prosperidade desses ímpios. Eles não passam por sofrimento e têm o corpo saudável e forte.” (Sl 73.3-4). Diante do que diz Salomão, diria “amém”: “Nesta vida sem sentido eu já vi de tudo: um justo que morreu apesar da sua justiça, e um ímpio que teve vida longa apesar da sua impiedade.” (Ec 7.15) Para Zofar, a fé serve para dar garantias na vida; para Jó, a fé é sustento diante da falta de garantas para a vida. Zofar crê num Deus que faz sentido para si; Jó, num Deus que não faz nenhum sentido, mas a quem ele pertence e recusa-se a deixar de pertence. Em toda sua dor e fragilidade, Jó está aprendendo a crer, está mantendo-se em Deus. Apesar de tudo, ele sabe que verá a Deus. Embora não entenda os rumos da vida, sabe que Deus está em algum lugar e será impossível perder-se dele.  A fé de Zofar é funcional. Ele crê que de Deus emanam normas que garantem bênçãos e prosperidade. Ele lida com a vida a partir de receitas, de verdades que explicam tudo, de visões e atitudes simplistas. A fé de Jó é relacional. Nela há muitas perguntas e queixas que não se satisfazem com sofismas, generalizações ou receitas. Uma fé que admite possibilidades e sente o peso de responsabilidades. Parece que temos uma tendência à fé de Zofar, pois nos sentimos inseguros com a fé de Jó. Ela nos faz humanos demais para uma pessoa que crê em Deus! Mas é Jó, e não Zofar, quem está no caminho certo!  *ucs* | SUNDAY, APRIL 27  TWO TYPES OF FAITH  *"Surely you know how it has been from of old, ever since mankind was placed on the earth, that the mirth of the wicked is brief, the joy of the godless lasts but a moment.” (Job 20.4-5)*  Zophar is getting back to the conversation with Job, stating that the wicked suffer and the just enjoy; therefore, if Job is suffering he must have done something wrong and he needs to confess it and seek forgiveness for things to get well again. He states it has been like this since old ages, he believes there is a law that rewards the just and punishes the wicked. This vision of life is in harmony with his ideas about God. For him it is inconceivable that it might be some other way. But for Job it is clear that it is not so. He even synchs with other testimonies in Scriptures that state that this life is unfair and has no guarantees, even for the just and people who trust God.  Job agrees with the Psalmist’s confession: “For I envied the arrogant when I saw the prosperity of the wicked. They have no struggles; their bodies are healthy and strong” (Psalm 73:3-4). He would of said “amen” to Solomon. “In this meaningless life of mine I have seen both of these: the righteous perishing in their righteousness, and the wicked living long in their wickedness” (Ec 7:15). For Zophar faith serves as life’s guarantees; for Job faith is support before the lack of guarantees in life. Zophar believes in a God who makes sense for him; as for Job, a God who makes no sense, but to whom he belongs to and refuses to leave. In all his pain and frailness, Job is learning to trust, he’s clinging to God. In spite of everything, he knows he will see God. Even though he cannot understand life’s paths, he knows God is somewhere and it is impossible to get lost.  Zophar’s faith is functional. He believes God emanates rules that guarantee blessings and prosperity. He deals with life from a recipe, truths that explain everything and simplistic visions and attitudes. Job’s faith is relational. In it there are many questions and complaints that cannot be satisfied with sophisms, generalizations or recipes. It’s a faith that admits possibilities and feels the weight of responsibilities. It seems like we have tendencies like Zophar because we feel very insecure with a faith like Job’s. It makes us way too human for someone who trusts God! But it is Job and not Zophar who is in the right path!  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| SEGUNDA, 28 DE ABRIL  PERTENCER SEM PRETENSÕES  *“Quem é o Todo-poderoso, para que o sirvamos? Que vantagem nos dá orar a ele? Mas não depende deles a prosperidade de que desfrutam; por isso fico longe do conselho dos ímpios.” (Jó 21.15-16)*  A devoção a Deus deve ser um relacionamento profundo, cuja vocação seja a de ser cada vez mais profundo. É um reconhecimento a respeito de si mesmo e da vida a partir certezas sobre Deus. Lembremo-nos: é a devoção de Jó que está sob provação. E com a dele, a de todos nós. Ele é o devoto que cada um de nós deveria ser. O mundo caiu sobre sua cabeça, está tudo perdido. Deus não responde às suas orações. Seu deserto é árido demais! Se apenas fosse um religioso, se apenas cresse em regras, se fundamentasse sua vida em jargões pretensamente espirituais, estaria perdido. Mas ele revela algo mais profundo e valioso.  A pergunta do texto de hoje são palavras que Jó coloca na boca dos ímpios – aqueles que não temem a Deus. Eles estão construindo a própria vida e prosperidade por si mesmos, sem ocuparem-se de Deus. E isso é plenamente possível! Considerando-se a ganância ou objetivos exclusivamente materiais, é inclusive mais rápido realizar conquistas sem Deus, sem temor. Logo, que vantagem orar se posso conquistar o que desejo sem oração? Há a fé funcional, assim como a incredulidade funcional. Na primeira, creio porque preciso para obter o que quero. Na segunda, não creio porque estou obtendo o que quero sem crer. E algo triste é que um crente funcional é um reforço para um ateu convicto, pois o que aquele diz obter com Deus, o outro sabe que pode obter sem Deus. Ambos ignoram o significado de pertencer a Deus. Estão à margem da fé de fato cristã.  Jó, nosso exemplo de devoção, sabe o que é pertencer. Ele não tem mais nada e nada está recebendo. Mas a “ineficiência” de sua fé não é um problema, embora lhe cause dor. Ele não crê funcionalmente! Ele quer distância do conselho dos ímpios que talvez dissessem: “esqueça esse Deus pois de nada lhe serve!”. Deus não precisa “servir para alguma coisa”. Ele é grande demais e belo demais para isso! Jó pertence a Deus e o reconhece como Aquele em quem existe, seu começo e fim, Aquele que por fim verá. Como um peixe pertence ao oceano e não viveria fora dele, Jó pertence a Deus e não cogita a possibilidade viver sem Ele. Eis algo que temos dificuldades de assimilar. Mas é exatamente nisso que está nossa vida, libertação e paz. Apenas pertencer a Deus. Pertencer sem pretensões e aprender a estar nele. Pois, crendo ou não, é nele que todos existimos.  ucs | MONDAY, APRIL 28  BELONGING WITHOUT SECOND INTENTIONS  *“Who is the Almighty, that we should serve him? What would we gain by praying to him? But their prosperity is not in their own hands, so I stand aloof from the plans of the wicked.” (Job 21.15-16)*  Devotion to God must be from a profound relationship, whose vocation is to be deeper with the passing of time. It’s an understanding of self and life from the certainties about God. Let’s remember: it’s Job’s devotion which is under fire. And with his, all of ours, too. He is the devote person that each one of us should be. The world fell on his head and everything was lost. God doesn’t respond to his prayers. His desert is way too dry! If he were only a religious man, if he only believed in rules, if his life was rooted in pretentiously religious lingo, he would be lost. But he reveals something deeper and more valuable.  The question in the text we read today are words that Job places in the lips of the wicked – those who do not fear God. They are building their lives and prosperity on their own and they are not concerned about God. And this is quite possible! Considering greed and exclusively material goals. It is even faster to conquer things without God and fear. So what’s the advantage to prayer if I can get what I want without it? There is functional faith as well as functional unbelief. In the first one I believe because I need to in order to obtain what I want. In the latter, I don’t believe because I can obtain what I want without believing. And it is sad to realize that a functional believer reinforces a convicted atheist because what one says he can obtain with God, the other knows he can obtain without God. Both ignore the meaning of belonging to God. They are beside the point of true Christian faith.  Job, our example of devotion, knows what it is to belong. He no longer has anything and he is not receiving either. However, the “inefficiency” of his faith is not a problem, although it causes him pain. He does not believe functionally. He wants to stand aloof from the counsel of the wicked that may be saying: “forget your God, He’s not any help to you”. He is way too great and beautiful for this! Job belongs to God and understands that his beginning, middle and his end lays in Him. The One he will finally see one day. Just like a fish belongs in the ocean and cannot live out of it, Job belongs to God and does not even consider the possibility of living without Him. This is something we find difficult to assimilate. But it is exactly where our life, deliverance and peace reside. Only in belonging to God. Belonging without second intentions and learning to be in Him. Because whether or not we believe, it is in Him that we all exist.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| TERÇA, 29 DE ABRIL  ÚTIL OU AMADO?  *"Pode alguém ser útil a Deus? Mesmo um sábio, pode ser-lhe de algum proveito? Que prazer você daria ao Todo-poderoso se você fosse justo? Que é que ele ganharia se os seus caminhos fossem irrepreensíveis?” (Jó 22.2-3)*  O texto de hoje vem de Elifaz. Mas, do que ele está falando se até agora seus discursos e dos outros amigos de Jó eram justamente sobre a necessidade de Jó ser justo e íntegro?! Como agora simplesmente diz que não adiantaria nada a justiça de Jó? Elifaz pensa como a partir de uma fé funcional. Tudo é uma questão de utilidade. Mas Jó não. Ele se sente ligado a Deus. Sua relação com Deus é visceral, emotiva, de um tipo que promove encontros e convivência, e não uma fé de causas e efeitos, sacrifícios e resultados, méritos e prêmios. A fé de Jó é relacional e isso parece que Elifaz não consegue entender. Então ele tenta ensinar algo a Jó sobre como “como as coisas são”.  “Quem tem valor para Deus? Diante de suas melhores intenções e, ainda que você fosse perfeito em tudo, Deus não estaria nem aí! Afinal, Ele não precisa de você para nada!” A devoção de Elifaz é com um Deus distante, pragmático, sem afeição ou sensibilidade. Ser correto e justo é uma obrigação para se ser abençoado. Mas não se deve esperar nada mais que isso. Mas as coisas não são assim, pois o Deus da fé cristã nos deu de sua própria natureza e atribui a nós valor acima de qualquer coisa. Ele nos ama e de tal maneira que nos enviou Jesus. Jó é pré cristão, mas Deus é o mesmo! O parâmetro de Elifaz não poderia estar mais distante do caráter de Deus! Não é uma questão de ser útil, mas de ser amado!  Jesus é o “Deus Conosco”, o Deus que veio em nossa direção e o fez por amor. Um cristão deve aprender novas atitudes e comportamentos, deve dizer “não” ao que desagrada a Deus, o que significa dizer “não” a si mesmo muitas vezes. Um cristão deve demonstrar um padrão ético equivalente à retidão de Deus e muitas outras coisas. Mas nada disso um cristão procura fazer para ser amado, mas porque é amado. É quando cremos no amor incondicional de Deus que encontramos libertação para ser nós mesmos. E é este o ponto de partida para nos tornamos alguém melhor! Está aí a diferença entre religiosos cristãos e religiosos apenas. Por fora pode ser pouca diferença, mas por dentro são seres com motivações completamente diferentes. Um é Jó e outro, Elifaz.  *ucs* | TUESDAY, APRIL 29  USEFUL OR LOVED?  *“Can a man be of benefit to God? Can even a wise person benefit him? What pleasure would it give the Almighty if you were righteous? What would he gain if your ways were blameless?” (Job 22.2-3)*  Today’s text comes from Eliphat. What is he talking about if up to now his attitude and Job’s other friends, too, was exactly about the need of Job being just and wholesome? How come now he turns and says Job’s justice is useless? Eliphat thinks from a functional faith standpoint. It’s all a matter of usefulness. Not Job, though. He feels connected to God. His relationship with God is visceral, emotional, of the type that promotes encounters and fellowship, not a faith of causes and effect, sacrifices and results, merits and rewards. Job’s faith is relational and Eliphat doesn’t seem to understand. So he tries to teach Job “how things are”.  “Can you be of benefit to God? You may have the best of intentions and even if you were perfect in all you do, God wouldn’t care! He doesn’t need you for anything!” Eliphat’s devotion is for a far away, pragmatic, careless and insensitive God. To be correct and fair is a requirement to be blessed. But one shouldn’t expect nothing besides this. However, things don’t work like that, the God of the Christian faith gave us his own nature and He attributes to us value above all things, He loves us so much that He sent us Jesus. Job is pre-Christianity, but God is still the same! Eliphat’s parameters couldn’t be further form God’s character! It’s not a matter of being useful, but of being loved!  Jesus is the “God with Us”, God who reached down to us and did so because of love. A Christian must learn new attitudes and behaviors, he must say “no” to everything displeasing to God and that means saying “no” to self many times. A Christian must demonstrate an ethical standard equivalent to God’s righteousness and many other things. But none of it should be to seek being loved, but because we’re already loved. And when we trust in God’s unconditional love we find freedom to be ourselves. And that’s the best start point to become better people. This is the difference between Christian religious people and religious people only. Looking on the outside we may notice few differences, but it’s inside that the motivations are completely different. One is Job, the other, Eliphat.  *Ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |
| QUARTA, 30 DE ABRIL  DEVOÇÃO DESAFIADORA  *“É por sua piedade que ele o repreende e lhe faz acusações? Não é grande a sua maldade? Não são infindos os seus pecados? Sujeite-se a Deus, fique em paz com ele, e a prosperidade virá a você.” (Jó 22.4,5,21)*  A história de Jó nos é contada tendo como pano de fundo um desafio dramatizado por Deus e o Diabo. Este afirma que a devoção humana a Deus é apenas uma relação comercial, um jogo de interesses – se Deus quiser adoração terá que fazer por merecer; que pague por isso! Deus aposta em Jó para desmentir o Diabo. E então a vida de Jó torna-se um inferno. O Diabo o atinge com força e arranca todos os motivos devocionais, todas as razões de adoração e gratidão. Uma fé funcional não resistiria a isso e facilmente concluiria: “Amaldiçoe esse seu Deus e morra!” – palavras ditas pela mulher de Jó. Ou procuraria uma saída lógica: “Essa dor é castigo por pecados! Conserte-se e tudo ficará bem” – palavras ditas por Elifaz, amigo de Jó.  A pressão sobre Jó era intensa e ele, como qualquer de nós, poderia estar chegando ao ponto de buscar qualquer saída, tornando-se um aventureiro espiritual. Saindo em busca de uma resposta, uma solução pois, se não está funcionando onde estou, procuro outro lugar. Quem sabe o que esteja faltando não seja um certo tipo de oração, uma certa dose de poder? Não é fácil esperar em Deus quando está doendo e é muito fácil trocar de verdade apressadamente, as coisas não estão funcionando. Em crises é muito fácil relacionar dor e culpa, como fez Elifaz. Quando tudo o que buscamos é algo que funcione, nossa fé está em grande risco. É saudável avaliarmos a nós mesmos e estar abertos para possibilidades espirituais, mas a ânsia por obter o que queremos pode nos cegar e nos levar a andar para trás na fé, enquanto pensamos que estamos progredindo!  O grande perigo da fé funcional é o fato de ser tremendamente lógica. O discurso dos amigos de Jó fazem muito sentido! O de Jó beira ao absurdo! Mas o livro nos indica Jó como um guia devocional e não seus amigos. O caminho de Jó nos diz que não poderemos controlar a vida pela fé e que poderemos sofrer injustamente, enquanto injustos parecem se dar bem. A devoção de Jó é a de quem fica com Deus apesar da vida e do modo como Deus está deixando as coisas acontecerem. É um chamado a crer no amor de Deus, cuja maior prova é Cristo, ainda que Suas decisões que nos deixem indignados. Uma devoção desafiadora, sem incentivos, desapegada de recompensas. Pergunto-me: como pode ser isso? Mas este livro me leva a entender que por meio de Jó Deus está nos dizendo que é assim e que é possível.  *Ucs* | WEDNESDAY, APRIL 30  CHALLENGING DEVOTION  *“Is it for your piety that he rebukes you and brings charges against you? Is not your wickedness great? Are not your sins endless? Submit to God and be at peace with him; in this way prosperity will come to you.” (Job 22.4,5,21)*  Job’s story is set against the background of a challenge between God and the devil. The latter affirms that human devotion is only a commercial relationship, a game of interests – if God wants to be worshipped He needs to deserve it; he must pay for it! God bets in Job to dispel the devil. And then Job’s life becomes hell. The devil hits him harshly and uproots all his devotional motives, all reasons for worshipping and gratitude. A functional faith would not resist that and would easily conclude: “Curse your God and die!” – words of Job’s wife. Or a more logic way out: “This pain is punishment for your sins! Fix it and things will go well” – words of Eliphat, Job’s friend.  There was severe pressure over Job and he, like any of us, could get to the point of looking for another way out, becoming a spiritual adventurer. He could search for answers elsewhere, like if it’s not working where I am, maybe I should look at another place. Maybe what’s missing is a certain type of prayer, a certain dose of power? It’s not easy to wait in God when it’s hurting, it’s a lot easier to change truths quickly if things are not working out right. It’s easy to relate pain to guilt in cases of crisis, just like Eliphat did. If all we seek is something to work out, then our faith is risky. It’s healthy to evaluate ourselves and to be open to spiritual possibilities but the desire to obtain what we want may blind us and make us take steps back in the faith, while we think we are making progress!  The greatest danger of functional faith is the fact is it tremendously logic. Job’s friends’ opinions make a lot of sense! And Job’s is borderline absurd! However, the book shows us Job like a devotional guide and not his friends. Job’s ways tell us we will not be able to control life by faith and that we may go through unfair suffering, while the wicked seem to do well. Job’s devotion is like someone who remains with God in spite of life and the way God is allowing things to happen. It’s a calling to trust in God’s love whose biggest proof is Christ, even when His decisions leave us outraged. A challenging devotion, without incentives, empty of rewards. I ask myself: how can that be? But this book makes me understand that through Job, God is telling us that it is so, and that it is possible.  *ucs*  *E.v.: Mariana Faria* |